

BROTINHOS E SEUS PROBLEMAS: JUVENTUDE E GÊNERO NA IMPRENSA FORTALEZENSE DA DÉCADA DE 1950

De: Lídia Noêmia Santos

Brotinhos e seus problemas: juventude e gênero na imprensa fortalezense da década de 1950.

Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

Por: MAYARA MAGALHÃES MARTINS

Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. Endereço eletrônico:

mayaramagal@yahoo.com.br

O livro *Brotinhos e seus problemas: juventude e gênero na imprensa fortalezense da década de 1950* é muito mais do que uma “história de mocinhas e bandidos, relatada nas páginas dos jornais locais” (p. 201). O estudo realizado pela historiadora Lídia Noêmia Santos é um mergulho na vida cotidiana dos jovens de classe média cearense da década de 1950.

A partir de pesquisa nos jornais *O Povo*, *O Jornal*, *O Nordeste*, *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias*, e na revista *O Cruzeiro*, dentre outras fontes da época, Lídia Santos identifica nas publicações vários elementos discursivos que ajudam a entender como os papéis femininos e masculinos eram pensados e elaborados naquele tempo.

Uma das hipóteses levantadas pela pesquisadora que justifica o seu recorte temporal no estudo de publicações da década de 1950 é de que nesse período a sociedade vivia a euforia do fim de duas guerras mundiais, celebrando o crescimento econômico e as novidades tecnológicas. Algo marcante desta década foi a especialização dos meios de comunicação e sua interação com o mercado publicitário. Jornais e revistas

transformaram suas linguagens e ampliaram seus temas, alcançando um número muito maior de leitores. Isto fez parte dessa fatia do mercado editorial que se estabelecia a produção de uma imprensa feminina, com temas voltados especialmente para mulheres.

No seu estudo, a autora também considera que jornais e revistas, junto com o rádio, foram os principais responsáveis pela difusão da cultura norte-americana, que buscava “massificar comportamentos, gostos, hábitos e desejos” (p. 17). Nessa perspectiva, passados os anos terríveis de guerra, a sociedade se encontrava em um momento de rever as estruturas que antes a sedimentavam. As mudanças de mentalidade pós-guerra aguçaram as diferenças de geração e a reformulação das relações familiares e de gênero. São esses conflitos que conduzem a análise das questões tratadas no trabalho de Lídia Santos.

No primeiro capítulo, a autora apresenta com muita propriedade a emergência da imprensa feminina em alguns jornais de Fortaleza, que acompanharam as mudanças do modelo editorial de publicações de circulação nacional, do qual a revista *O Cruzeiro*

era um dos principais exemplos. Uma das mudanças mais significativas que Santos identificou nas publicações foi a diagramação, a especialização do público-leitor (os espaços dos jornais e revistas foram segmentados e tematizados) e o aumento de anúncios de produtos ligados ao cotidiano doméstico, à beleza e à higiene. Na nova linha editorial, as propagandas tinham um caráter pedagógico. Nas peças publicitárias, era comum que os textos e gravuras explicassem para que servia o produto e como se deveria usá-lo.

As mulheres eram aconselhadas a usar os produtos de beleza porque esses seriam aliados importantes para que moças casadoiras e mulheres casadas obtivessem sucesso matrimonial. Com as mudanças de comportamento na relação entre homens e mulheres e o aumento da autonomia feminina na escolha do seu par amoroso, a beleza e a juventude tornaram-se uma qualidade importante para que a mulher pudesse concorrer no “mercado amoroso”. Mas não eram apenas as qualidades físicas que importavam às mulheres: o recato, a doçura e a delicadeza dos gestos também eram considerados. Uma das figuras que reuniam todas essas qualidades e que apareceram com muita frequência nas publicações estudadas foram as *misses*.

Lídia Santos considera a eleição de Emília Correia Lima – nossa primeira Miss Ceará e, posteriormente, Miss Brasil, no ano de 1955 – como um marco divisorio no estabelecimento da imprensa feminina no Ceará, pois o colunismo social surge juntamente com as competições de beleza. Com a emergência dessa nova modalidade jornalística, a vida social das jovens “bem nascidas” passa a ser de interesse público. As imagens das candidatas aos títulos de *rainha*, *miss* e *garota* eram retratos de como as jovens de classes média e alta deveriam ser. A atenção que a autora dá aos concursos de beleza nos oferece uma referência interessante de como as jovens se apropriavam dos

modelos modernos de construção do feminino.

No segundo capítulo, a historiadora analisa os discursos idealizadores dos papéis sociais femininos nas páginas femininas dos jornais locais e da revista *O Cruzeiro*. Os textos quase sempre tratavam de estratégias matrimoniais para que as “moças casadoiras” realizassem o sonho de casar e ter filhos. Mesmo que Lídia Santos tenha identificado matérias que abordam questões relativas à ocupação feminina no mercado de trabalho, o desejo de ter um lar, marido e filhos ainda era visto como prioridade na vida das mulheres. Em algumas matérias transcritas, o receio de que a mulher não conseguisse conciliar a vida doméstica com a atividade remunerada é posto com muita clareza. Para Santos, o temor que certos jornalistas apresentam diante das transformações das condutas femininas pode ser considerado um sintoma de uma sociedade originalmente patriarcal e que, aos poucos, “destituiu” o homem do seu poder absoluto diante das mulheres.

Na interpretação da autora, mais autônomas, as mulheres estariam muito mais expostas aos riscos que a vida pública oferecia. Para alertar as moças dos perigos dos galanteios de um sedutor, os cadernos femininos contavam com colunas de aconselhamento (uma delas dá o título ao livro) para que as jovens pudessem desfrutar da companhia do namorado sem ceder aos impulsos sexuais do rapaz (destaque-se que as matérias não tocavam na idéia de desejo sexual feminino). Na perspectiva das publicações, a realização da mulher dar-se-ia com o matrimônio.

Uma das grandes dificuldades em conciliar práticas cotidianas ditas modernas com padrões antigos entre membros de um mesmo núcleo familiar, diz respeito aos afetos e à sexualidade feminina. Lídia Santos mostra que, ao mesmo tempo em que a vivência na cidade pedia que os jovens tivessem uma vida social

mais intensa, havia uma preocupação para que essa categoria social, sobretudo as mulheres, mantivessem um comportamento que respeitasse a moralidade da família burguesa. As moças poderiam freqüentar bailes, ir aos salões de beleza e namorar, desde que obedecessem às regras da moral e dos bons costumes.

Nesse jogo de “sair da barra da saia da mãe” sem deixar de se orientar pela decência, a mãe ocupava um papel fundamental de conduzir e proteger a filha, atentando para os códigos de moralidade. O conflito vivido pelas mães consistia em acertar a medida da autonomia dada à filha para decidir o que vestir, que maquiagem usar e que rapaz namorar. Os artigos, ainda que tivessem como público-alvo as jovens, muitas vezes eram dirigidos às mães, pois os textos enfatizavam a necessidade de as jovens fazerem suas próprias escolhas; porém, caso se comportassem de maneira inapropriada, as mães eram responsabilizadas pelos deslizes das filhas.

Outro ponto forte em relação à vida social das jovens de classe média e alta fortalezense, segundo Santos, eram as matérias nas colunas sociais sobre “a festa de 15 anos”. Além de simbolizar um rito de passagem de menina para mulher, servia para alimentar as matérias dos periódicos locais: a exemplo do tratamento dado aos concursos de beleza, tais matérias apresentavam as jovens, suas famílias e relatavam não só a festa, mas o cotidiano das moças. Desse modo, podemos dizer que, com o colunismo social, pelo menos para integrantes de uma restrita classe social, os mecanismos morais de controle do feminino pareciam eficientes.

No terceiro capítulo, Lídia Santos compõe um mapa do que foi a chamada *juventude transviada*. Tratando de grupos compostos exclusivamente de rapazes, os jornais da época explicavam que as práticas de delinqüência entre jovens eram fruto da influência

de filmes norte-americanos, do enfraquecimento das relações familiares e das convicções religiosas. A autora justifica a escolha em focar sua investigação em matérias policiais por considerar que a figura do “bom moço” foi um coadjuvante na imprensa. A imagem do “bom partido” aparecia mais nas fotonovelas e nas colunas de aconselhamento amoroso. Os *jovens transviados*, no entanto, eram verdadeiras ameaças à honra das mocinhas.

Nesse capítulo, a autora elabora seu texto ressaltando a cronologia das matérias sobre o grupo de rapazes, considerados rebeldes e delinqüentes, transviados e depois apelidados de *rabos-de-burro*. Os adjetivos usados para qualificar os rapazes indicam uma temporalidade que modifica a forma como a imprensa enxergava as badernas e as práticas criminosas de jovens tanto da periferia, quanto das famílias mais ricas da cidade.

Dentre as práticas dos *jovens transviados*, uma das que mais preocupavam as famílias das mocinhas era a curra. Várias matérias foram veiculadas denunciando a prática do estupro coletivo. Nos jornais fortalezenses, o caso da jovem carioca Aída Curi, jogada (ou que se jogou) de um edifício em Copacabana, no Rio de Janeiro, depois de ter sido estuprada por um grupo de rapazes, em julho de 1958, era sempre lembrado quando crimes de curra ocorriam na cidade.

Chama a atenção de Santos, nas matérias, o tratamento diferenciado que a imprensa dava à ação criminosa cometida pelos jovens da elite, vistos com muito mais indulgência. Em algumas notícias, esses rapazes são considerados apenas *playboys*.

Analisando crimes sexuais cometidos por esses rapazes, a autora considera que tais delitos configurariam uma espécie de reafirmação da dominação masculina que se fragilizava com os avanços das mulheres na vida pública, no mercado de trabalho e nas

relações amorosas.

Quanto aos rapazes que entregavam as namoradas que cediam aos desejos sexuais para que os amigos praticassem o estupro coletivo e, ainda, sobre a curra cometida contra as jovens que andavam sozinhas, pelas ruas, na interpretação de Lídia Santos essas práticas revelam uma forma de desrespeito e menosprezo à liberdade feminina. Assim, para esses jovens, o exercício da força bruta, sobretudo contra as mulheres, seria uma estratégia de repreender os avanços da participação feminina no cotidiano da cidade e reafirmar os atributos ligados ao universo masculino como a força e o poder.

Com uma narrativa agradável, a autora revela a riqueza do seu material nos transportando para o cotidiano de Fortaleza na década de 1950. O livro conta também com muitas imagens que, mesmo sendo basicamente de peças publicitárias, nos oferecem as referências estéticas consumidas por mulheres fortalezenses na época.

Lídia Santos nos revela uma Fortaleza que aprendia a ser urbana, tomada pelo conflito entre o moderno e o tradicional, e que a autora identifica como ponto-chave na década de 1950.

Recebido em 27/10/2011.

Aceito em 16/11/2011.